

Identidade, Religiosidade e Cotidiano Escravo: Inserção social de africanos no campo religioso da cidade de São Cristóvão-SE (Século XIX) *

Vanessa dos Santos Oliveira

Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE

osvanessa@hotmail.com

(Recebido em 30 de janeiro de 2007; aceito em 28 de setembro de 2007)

As irmandades religiosas constituíram força auxiliar do Estado e da Igreja no Brasil, cumprindo funções como o assistencialismo espiritual e social de brancos, pardos e negros. As confrarias dedicadas a Nossa Senhora do Rosário reuniam cativos e libertos, servindo tanto como instrumentos de controle social quanto como espaços onde suas redes de sociabilidades eram refeitas. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar o significado social da Irmandade dos Homens Pretos do Rosário no campo religioso da cidade de São Cristóvão-SE. Sabendo que o ingresso conferia aos irmãos auxílio nas dificuldades e contato com os bens de salvação, acreditamos que a irmandade representava uma possibilidade de acesso à garantias materiais e simbólicas, contribuindo para a preservação de elementos identitários numa sociedade dominada pelos valores da elite branca católica.

Palavras-chave: irmandades, negros, identidade.

Religious brotherhoods assisted the State and Church in Brazil, performing spiritual and social attendance to white, mulatto and black people. Nossa Senhora do Rosário's brotherhoods reunited slaves and free black people serving as social control instrument well as excluders' spaces where their sociability's network were re-made. Therefore, this research aim at examines the social means of the Homens Pretos do Rosário Brotherhood in the religious field in São Cristóvão city, Sergipe. Have Knowledge that the access conferred them attendance in the difficulty and touch with salvation property, we believe that the brotherhood represented a possibility of access to material and symbolical warrants, that help to guard identification elements in a society dominated for the catholic white elite values.

Keywords: brotherhoods, black people, identity.

1. INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade tem apontado como uma forte tendência nas ciências humanas. Na sociologia da religião não é diferente, animada pelas reflexões da teologia, filosofia, história e antropologia. Desde os clássicos, a sociologia tem se preocupado com o fenômeno religioso, como pode ser percebido pelo lugar que ocupa nas obras dos fundadores, a exemplo de Émile Durkheim e Max Weber. De acordo com TEIXEIRA (2003), as últimas duas décadas têm assistido ao crescimento da produção acadêmica relacionada à questão religiosa, enfocando suas transformações ou redescobrimo antigos temas.

O estudo das manifestações religiosas informa sobre a prática cotidiana e a dinâmica de uma sociedade. Neste sentido, as irmandades representam objetos de estudo privilegiados por evidenciarem os contatos dos leigos com os bens de salvação, visto que as práticas dos indivíduos enquanto membros de uma associação religiosa informam sobre o cotidiano social. A incorporação do cotidiano aos estudos sociológicos permite recuperar as experiências vividas pelos atores, reconstituindo o espaço e o tempo das práticas sociais e relacionando-os com as demais dimensões com intenção explicativa.

As irmandades religiosas existiram no Brasil desde o período colonial, transplantadas de Portugal como sucessoras das corporações de artes e ofícios existentes na Europa durante a Baixa Idade Média. Organizadas em torno da devoção de um santo padroeiro, o acesso, deveres e direitos dos seus confrades eram estabelecidos pelo compromisso, que dependia da aprovação da Mesa de Consciência e Ordens e era inspecionado pelo Governo e pelo Episcopado.

O acesso às confrarias era regulamentado com rigor através de critérios econômicos e étnico-raciais. Entre as exigências constavam ser católico, de boa conduta moral e civil, ter meios de subsistência e estar no gozo da administração de seus bens. Em se tratando de irmandade financiada pela elite, fazia-se além da distinção de condição econômica também a da cor da pele, pois estes eram espaços dominados por brancos de posses (5).

Para atender aos critérios estabelecidos, existiram no Brasil irmandades dedicadas aos brancos, pardos e negros. As irmandades para brancos localizavam-se, geralmente, na igreja matriz que ocupava o centro das cidades e eram freqüentadas pelos membros da elite local. Os brancos pobres, chamados pardos, e os negros se estabeleciam em igrejas periféricas. A localização espacial das capelas que abrigavam as irmandades refletia a estratificação da sociedade, de forma que o estudo dessas associações religiosas de leigos tem concorrido para evidenciar as diferenças sociais entre os grupos que a compunham

2. MÉTODOS

Essa pesquisa toma como preocupação geral analisar o significado social da Irmandade dos Homens Pretos do Rosário no campo religioso da cidade de São Cristóvão-SE. Outras questões complementares serão exploradas: Quais os significados dos símbolos africanos presentes nas festividades da Irmandade? Quem eram seus membros? Como foi constituído seu patrimônio, de que forma era disponibilizado e como foi deteriorado? Quais as outras irmandades que permitiam a participação de negros?

Visando responder aos objetivos traçados faremos uso de um método multifacetado de coleta de dados, utilizando documentos e entrevistas semi-estruturadas, tratados a partir da Análise de Conteúdo. A escolha de um método plural se liga ao pressuposto de que os textos do mesmo modo que as falas são reveladores do imaginário do contexto de produção. Dessa maneira, a utilização de diferentes fontes será mais enriquecedora para o estudo.

As fontes documentais constam do compromisso, livros de irmãos, receita/despesa e eleições da irmandade, relatos de memorialistas, inventários e testamentos. Através da análise dos compromissos poderemos mapear as irmandades sergipanas, de forma a classificá-las, identificando aquelas que permitiam a participação de negros. Os testamentos, os inventários, o livro de irmãos e o livro de receitas, despesas e eleições da Irmandade dos Homens Pretos do Rosário servirão de subsídios para identificação do perfil sócio-econômico dos seus membros e para compreender a formação, disponibilização e deterioração do seu patrimônio, além de informarem aspectos das festividades promovidas pela confraria. Aplicaremos ainda entrevistas de verificação de fatos com duas pessoas que participam da organização dos festejos da igreja atualmente.

Os dados recolhidos serão analisados com o auxílio da técnica de Análise de Conteúdo. Essa técnica foi desenvolvida nos Estados Unidos, no contexto behaviorista das ciências humanas, para analisar, inicialmente, material jornalístico. A partir da Primeira Guerra Mundial, passou a ser aplicada na análise das orientações políticas e estratégicas dos países estrangeiros, tendência acentuada com a Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria. A partir da década de 1950, seu uso se estendeu a outras disciplinas, como a história, a etnologia, a lingüística, a psiquiatria e a psicanálise (1).

Logo, trata-se de um método de investigação baseado na inferência que se aplica a formas de comunicação extremamente diversificadas, com o objetivo de desvendar os sentidos escondidos nos discursos. Para o tratamento dos resultados serão formuladas inferências através da análise categorial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em São Cristóvão, obedecendo à tendência geral, o núcleo central da cidade abriga a igreja matriz dedicada à padroeira Nossa Senhora da Vitória, recinto que outrora acolheu a Irmandade do Santíssimo Sacramento, espaço da elite branca, composta por proprietários de terras e grandes comerciantes. Os pardos se estabeleceram na Igreja Nossa Senhora do Amparo, onde

funcionou a Irmandade de mesmo nome, enquanto os negros ocupavam a Igreja Nossa Senhora do Rosário, reunidos na Irmandade dos Homens Pretos do Rosário. De acordo com NUNES (1996, p. 254), a igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário em São Cristóvão teve sua construção financiada pela irmandade e iniciada em 1746, sendo finalizada na segunda metade do século XVIII. Assim, as capelas freqüentadas por pardos e negros ocupam localização periférica na organização espacial da cidade, de modo que seu significado simbólico revela o lugar e a importância de cada grupo na esfera social.

Compreendendo a participação numa irmandade religiosa como fator fundamental na estratégia de formular estratégias identitárias e de distinção pelos irmãos, recorremos à teoria de Pierre Bourdieu. Neste sentido, concebemos a sociedade como composta por microcosmos onde se expressam às diferenças simbólicas e as lutas entre os atores sociais pelo seu controle, o que BOURDIEU (1998) denominou campo (3).

Constitui o campo religioso espaço onde os indivíduos e instituições têm sua posição determinada pela quantidade de capital material e simbólico que detém, concorrendo pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder, de forma a modificar e introduzir um habitus, isto é, um sistema de disposições que funciona como princípio gerador de práticas e representações (BOURDIEU, 1998). Logo, entendemos que as irmandades foram instrumentos para os segmentos sociais formularem estratégias distintivas que lhes conferia uma identidade.

Nesta perspectiva, o campo religioso refletia a organização da sociedade, constituindo as confrarias espaços através dos quais se travava uma luta simbólica entre os diferentes segmentos sociais que as compunham - como brancos, negros e pardos, de forma a representar a oposição entre eles, reproduzindo, de maneira disfarçada, a estrutura das relações de forças entre as classes (BOURDIEU, 1998, p.70).

As ligações da cultura negra com a fé católica expressam os contatos entre a civilização africana e a luso-brasileira que culminou no sincretismo religioso que aqui vigorou. Foi dessa forma que a cultura dos africanos pode ocultar-se no catolicismo brasileiro. Compreendemos a sobrevivência de elementos da cultura negra junto aos valores do catolicismo hegemônico partilhando do conceito de interpenetração de civilizações formulado por BASTIDE (1989), para o qual a história da humanidade é a história do contato, das lutas, das migrações e das fusões culturais entre diferentes povos.

As irmandades religiosas cumpriram diferentes funções no catolicismo brasileiro, seja servindo às elites como instrumento para a manutenção do seu poder ou como instrumentos de controle de elementos considerados perigosos, mas que souberam explorar as ambigüidades dessas instituições em proveito próprio. Neste sentido, acreditamos que a Irmandade dos Homens Pretos do Rosário constituiu uma oportunidade para os negros refazerem suas redes de sociabilidade por meio da participação em uma religião de alcance sociológico mais geral e um instrumento para a reformulação de suas identidades.

Conforme consta de cópia do compromisso de 1860 (APES, Ordem 05-A, Cx. 29), a Irmandade do Rosário era dedicada a angolas, crioulos e brancos de ambos os sexos. A presença de elementos brancos se explica pelo fato do negro não ser considerado pessoa jurídica, logo a irmandade era judicialmente representada por brancos que exerciam os cargos de escrivão e tesoureiro. O termo “angolas” não necessariamente indica que os africanos presentes na irmandade eram todos originários de uma mesma região, pois como mostrou SOARES (2004) ao discutir a classificação de africanos no Império Português, a “nação” pode abarcar uma diversidade de grupos reclassificados por ocasião do batismo de acordo com o porto de procedência, tratando-se de uma identidade atribuída com o tráfico.

Dessa forma, o uso da etiqueta “angolas” para orientar as interações numa situação pluriétnica indica uma opção de classificação pelos membros da irmandade, visto que pode designar indivíduos de diferentes nações africanas que adotaram essa identidade como forma de redefinirem suas fronteiras no novo espaço. Entre os recursos por eles explorados para enfrentar um meio ambiente social hostil, consta o realce da identidade étnica, utilizada para desenvolver novas posições e padrões. Pois, como ressaltou POUTIGNAT (1998), a interação entre os grupos em situação de competição cria um ambiente propício para o realce das identidades étnicas, estabelecendo fronteiras entre eles por meio dos símbolos compreensíveis pelos insiders

e pelos outsiders. A etnicidade foi então utilizada como uma forma de organização dos interesses do grupo segundo as normas validadas no campo religioso.

Visto que nas irmandades o *habitus* do segmento representado pelos seus membros era preservado, acreditamos que constituíam espaços para a manutenção de uma identidade que era relacional e dinâmica, forjada em oposição a um “outro”, através da seleção de símbolos contrastivos que os distinguiam enquanto grupos específicos ocupando determinada posição na esfera social (POUTIGNAT, 1998, p. 130). Uma vez selecionados, estes traços adquiriam uma função emblemática que os transformava em marcas inalienáveis do grupo. Assumindo a perspectiva relacional da identidade, entendemos que a afirmação do “nós” conduz à negação de “outros”, o que implica a existência de um processo de dicotomização, expresso nas irmandades na luta pelo controle de bens sagrados no campo religioso sancristovense.

Adotando uma identidade de católico como fundamental e modificando suas práticas para torná-las congruentes com os valores vigentes, os africanos reunidos sob a classificação de angolas na Irmandade dos Homens Pretos do Rosário redefiniram também seu espaço social de atuação. Garantida sua posição no campo religioso, foi possível então acentuar *habitus* distintivos por meio dos símbolos presentes nas celebrações de cerimônias e festas específicas, que lhes conferia uma identidade através da manutenção de elementos africanos em meio ao ritual católico.

Os membros da irmandade geriam os eventos da capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, de forma que ocupavam posição de destaque entre os demais fiéis. Nas missas os mordomos da irmandade usavam capas brancas e portavam tochas, o que evidencia a importância da instituição e a necessidade de distinguir os confrades nas atividades públicas. Além disso, o prestígio também era representado pela possibilidade de enquanto negros participarem da mesa administrativa da confraria ocupando cargos de grande importância, como o de juiz ou procurador.

Os irmãos do Rosário também deveriam se fazer presentes nos eventos do calendário litúrgico da cidade, quando vestiam a capa branca que os distinguiu dos demais participantes, especialmente dos membros das outras confrarias, pois as festas eram momentos de competição entre elas pela manutenção do seu espaço, sobretudo quando o prestígio, a capacidade de recrutar novos membros e a possibilidade de estes se destacarem socialmente dependia da competência lúdica (REIS, 1998, p. 68). Na Irmandade dos Homens Pretos do Rosário as festividades dedicadas aos Santos Reis e à padroeira eram momentos em que vários símbolos identitários se faziam presentes.

Os preparativos para a festa, celebrada na primeira oitava do Natal, ou seja, a 6 de janeiro, começavam com antecedência. Eram escolhidos três reis e três rainhas que auxiliavam a irmandade no financiamento das despesas. Desde novembro era comum a arrecadação de esmolas destinadas aos festejos e, no dia 21 de dezembro, ocorria a cerimônia de suspensão do mastro na porta da igreja (4).

Chegado o grande dia, os confrades, devidamente paramentados com suas capas brancas, dirigiam-se à residência dos reis e rainhas, acompanhando-os até a igreja, onde eram coroados pelo padre na missa. Concluídos os rituais sagrados, autos e danças populares eram apresentados na frente do templo, primeiramente a taieira, em seguida cacumbi, chegança, mourama e batalhão de fuzileiros. Após as apresentações, a taieira acompanhava a procissão, visitando algumas residências (Anuario Christovense, IHGS, SS, Cx. 213). A primazia da taieira no evento se deve ao fato de ser ela considerada dança religiosa (4).

As figuras reais frequentes nas festividades das irmandades dedicadas aos negros é representativa de um passado glorioso ao qual são remetidos, evidenciando sua reinterpretação e adequação a um novo contexto através de um processo de tradução. Como observou HALL (2003), as tradições não são imutáveis, ao contrário, são constantemente revisitadas e transformadas em resposta às novas experiências.

Além de servir aos negros como locus de preservação de sua identidade através do controle de um subespaço no campo religioso, estas instituições lhes garantiam auxílio material. A adesão à irmandade sancristovense conferia aos homens de cor auxílio nos abusos por parte dos senhores e na compra de alforrias, empréstimos, assistência em caso de doença e na pobreza, direito a enterro digno extensivo a seu cônjuge e missas pela sua alma.

O temor da morte era constante na mentalidade predominante no Brasil do século XIX, quando o planejamento antecipado do local de sepultamento, hábito mortuário, ritos funerários e doações em função do espírito inquietavam aqueles que buscavam um lugar no céu. Diante dessas preocupações, participar de uma irmandade era garantia de ter um enterro digno para o membro e sua família, contando com acompanhamento dos irmãos, sepultamento na capela que abrigava a irmandade com seu corpo envolto em hábito mortuário da mesma e missas pela sua alma.

4. CONCLUSÕES

Finalmente, as irmandades foram espaços utilizadas por brancos, pardos e negros para reforçar suas estratégias identitárias, preservando um *habitus* que lhes era próprio. Por outro lado, as garantias materiais oferecidas aos irmãos constituíam, certamente, um atrativo para o ingresso nas confrarias.

Diante do exposto, acreditamos que a Irmandade dos Homens Pretos do Rosário constituiu, no campo religioso da cidade de São Cristóvão-SE, uma possibilidade para elementos excluídos como eram africanos e crioulos reconfigurarem suas identidades e contarem com auxílio material. Era a possibilidade de estar entre seus irmãos de fé e fazer reviver elementos estigmatizados de sua tradição numa sociedade segmentada

* Trabalho apresentado no II Encontro de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

1. BARDIN, Laurence. História e Teoria. In *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 11-22.
2. BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações*. 3a. ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
3. BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5 ed., São Paulo: Perspectivas, 1998.
4. DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. Petrópolis: Vozes, 1972.
5. FRANCO, Candido Augusto Pereira. *Compilação das Leis Provincias de Sergipe 1835 a 1880*. Vol I. Aracaju: Typ. de F. das Chagas Lima. s.d.
6. HALL, Stuart. *A Questão Multicultural*. In *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Humanitas, 2003, p. 51-100.
7. NUNES, Maria Thétis. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
8. POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade, seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.
9. REIS, João José. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
10. SOARES, Mariza de Carvalho. *A “nação” que se tem e a “terra” de onde se vem: categorias de inserção social de africanos no Império português, século XVIII*. In *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 26, n. 2, 2004, pp. 303-330.
11. TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.